

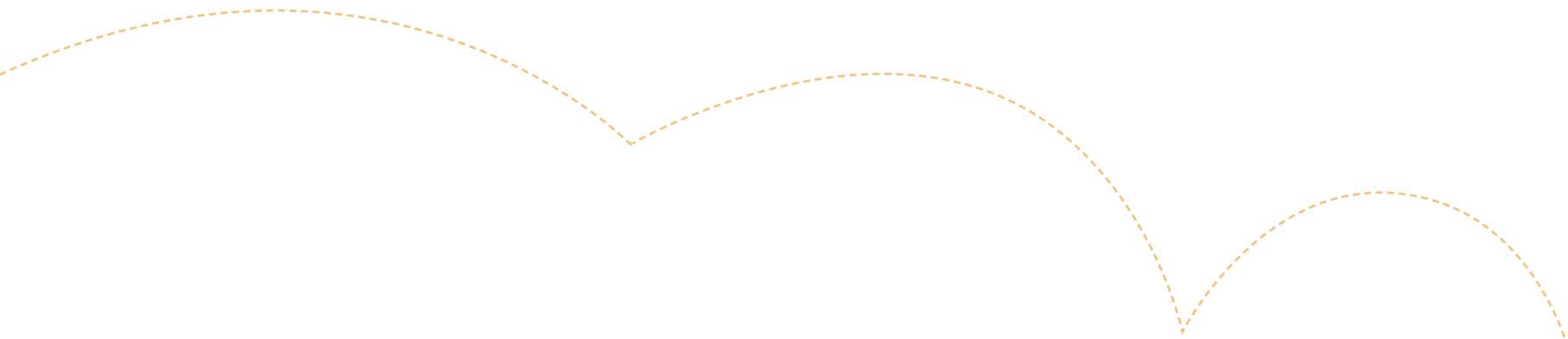
**GISELLE CAROLINA DA SILVA  
MARTA REGINA PAULO DA SILVA**

# **NARRATIVAS INFANTIS EM TEMPOS DE PANDEMIA: AS INTERAÇÕES E O BRINCAR NO RETORNO PRESENCIAL À CRECHE**



**GISELLE CAROLINA DA SILVA**  
**MARTA REGINA PAULO DA SILVA**

**NARRATIVAS INFANTIS EM TEMPOS DE PANDEMIA:  
AS INTERAÇÕES E O BRINCAR NO RETORNO PRESENCIAL À CRECHE**







**À TODAS AS CRIANÇAS.**

# AGRADECIMENTOS

A Deus pela força em todos os caminhos.

Ao meu filho, pais e familiares por todo incentivo e apoio nesta jornada.

À professora Dr.<sup>a</sup> Marta Regina Paulo da Silva, pelo apoio, ensinamentos, escuta e contribuição na minha formação profissional.

Às professoras Dr.<sup>a</sup> Daniela Finco e Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima Ramos de Andrade, que participaram das bancas examinadoras de qualificação e defesa do mestrado, pelas contribuições ao estudo.

À Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Santo André, que permitiu a realização da pesquisa.

À gestora, ao gestor e às educadoras, parceiras do campo de pesquisa; assim como às crianças e às suas famílias, participantes deste estudo.

**Giselle Carolina da Silva**

Gratidão às crianças por nos ensinarem, cotidianamente, a sermos melhores educadoras e educadores. E às educadoras e educadores pela luta cotidiana por uma sociedade com mais “boniteza”.

**Marta Regina Paulo da Silva**



**AS COISAS NÃO QUEREM MAIS SER VISTAS POR  
PESSOAS RAZOÁVEIS:  
ELAS DESEJAM SER OLHADAS DE AZUL —  
QUE NEM UMA CRIANÇA QUE VOCÊ OLHA DE AVE.**

**(MANOEL DE BARROS)**

# SUMÁRIO

7 INTRODUÇÃO

9

ACOLHIMENTO, PERTENCIMENTO E O DESAFIO DO DISTANCIAMENTO

“E TODOS OS CORONAVÍRUS VAI ENTRAR EM TODOS OS AMIGOS”:  
BRINCANDO COM PROTOCOLOS SANITÁRIOS

22

35

CRECHE EM TEMPOS DE PANDEMIA: NOVOS TEMPOS, NOVAS APRENDIZAGENS?

39

REFERÊNCIAS

O segundo semestre de 2021 configurou-se em um cenário de regresso das crianças ao espaço educacional após um longo período de afastamento, desde março de 2020, devido à necessidade de isolamento social que se estabeleceu no país em função do estado epidemiológico causado pelo coronavírus.

Muitas eram as dúvidas, as inseguranças e as incertezas quanto ao retorno presencial, em especial pelo fato de as crianças não estarem vacinadas. Somam-se a isso os protocolos sanitários instituídos para a creche, que limitavam as pos-

sibilidades de brincadeiras e interações, eixos norteadores da prática pedagógica com e entre as crianças.

Atender aos protocolos sanitários respeitando as especificidades dos bebês e das crianças pequenas no cotidiano da creche constituiu-se em um grande desafio às educadoras e aos educadores. Destarte, foi preciso reafirmar o compromisso ético, estético e político para com as crianças, por meio, sobretudo, de um olhar atento a elas e de uma escuta sensível às suas vozes.

Como seres sociais, históricos, culturais e de direitos, as crianças leem e comunicam o mundo por meio do brincar e de suas múltiplas linguagens. São, portanto, seres de intervenção no mundo, participantes ativas na e da sociedade (SILVA, 2021). Uma sociedade marcada desde 2020 por um contexto pandêmico, que as impediu de frequentar a creche, e que, a partir de meados de 2021, as convoca a retornar ainda em meio à pandemia.

Compreender como as crianças ressignificaram o brincar e as interações nesse retor-



no presencial à creche foi o objetivo da pesquisa de mestrado intitulada “As interações e o brincar no retorno presencial à creche em tempos de pandemia”, de Giselle Carolina da Silva (2022), sob a orientação da Profa. Dra. Marta Regina Paulo da Silva, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS).

Este e-book compartilha os resultados desta investigação realizada com crianças de três anos em uma creche da Rede Municipal de Educação de Santo André, no estado de São Paulo. Nele são apresentadas as vivências das crianças estabelecidas no percurso da pesquisa, com intuito de dar visibilidade às leituras de mundo e às produções culturais infantis nestes tempos de pandemia, bem como tecer algumas reflexões acerca das aprendizagens docentes nesse contexto.

O e-book está organizado em três seções. A primeira, “Acolhimento, pertencimento e o desafio do distanciamento”, relata como as crianças pequenas foram se (re)apropriando do espaço da creche, este reconfigurado em função dos protocolos sanitários.

A segunda seção, “E todos os coronavírus vai entrar em todos os amigos’: brincando com protocolos sanitários”, parte das narrativas das crianças para apresentar como elas resignificaram as brincadeiras e as interações em face dos protocolos sanitários.

Por fim, a terceira seção, “Creche em tempos de pandemia: novos tempos, novas aprendizagens?”, faz um convite à reflexão sobre as aprendizagens docentes em meio a este contexto pandêmico que, em certa medida, impactou as supostas certezas e abriu (ou não) possibilidades de vivenciar outras formas de temporalidade, marcadas pela experiência.



# ACOLHIMENTO, PERTENCIMENTO E O DESAFIO DO DISTANCIAMENTO



Figura 1 “Um culação pa você” (Thor<sup>1</sup>).

-----  
1 As crianças participantes da pesquisa escolheram os nomes pelos quais gostariam de ser identificadas no estudo.

Com o retorno do atendimento presencial na creche, gestos afetuosos como o de Thor voltaram a se fazer presentes nas relações entre as crianças e destas com as educadoras e os educadores, fortalecendo os vínculos e proporcionando um ambiente acolhedor. Momentos como esse foram preenchendo as lacunas que o isolamento social causou nas relações de convivência que normalmente ocorrem no cotidiano dessa instituição, que cuida e educa meninos e meninas entre 0 e 3 anos de idade.

Ladybug foi uma das primeiras crianças a expressar sua necessidade de estreitamento nas relações que se (re)estabeleciam no retorno à creche ao expor seu desejo de estar mais próxima de uma colega que acabara de conhecer pessoalmente, a Mulher Maravilha, o que romperia com a orientação de distanciamento físico estabelecida pelos protocolos sanitários.

Em meio a negociações, a solução encontrada em resposta a seu desejo e sua necessidade foi a de se sentarem de frente uma para a outra em uma situação de leitura,

ficando nítida sua satisfação em estar novamente em convívio com seus pares. Nessa vivência, em que a leitura abordava o tema do relacionamento familiar, a menina, em uma fala afetuosos, declarou seu amor pela nova colega.



Figura 2 Leitura de *O livro Eu Te Amo*, de Todd Parr (Panda Books, 2010).

A cada dia do retorno presencial, as expressões das crianças demonstravam contentamento por estarem de volta à creche, em convivência com o espaço, com as outras crianças e com as educadoras e os educadores. Homem de Ferro revelou esse sentimento de forma empoderada, ao declarar com veemência: “Aqui é minha escola!”, apontando com o dedo indicador da mão direita o chão da creche, demarcando o reconhecimento de seu pertencimento a esse espaço.



Manifestações de saudades da mãe ou de outros familiares também marcaram esse início, como foi o caso da Menina e do Hulk, que necessitaram de um tempo maior para se sentirem à vontade no espaço. Assim, embora as reações de choro e insegurança sejam comuns nos períodos de inserção e acolhimento na creche, no contexto de pandemia, em algumas situações, elas se intensificaram, haja vista o tempo que meninas e meninos permaneceram afastadas(os) do convívio nesse espaço, bem como as dificuldades dos familiares em permanecer na unidade como uma estratégia de acolhimento, como se observou com o Hulk, pois sua mãe precisava ir para casa para auxiliar o outro filho com as atividades escolares remotas.

Em face disso, a observação e a escuta das necessidades, dos sentimentos e dos desejos das crianças foram fundamentais para a projeção de espaços em que elas se sentissem seguras, configurando-se em ambientes que as acolhiam em uma rede de relações afetivas e com possibilidades de criação e expressão (RINALDI, 2020).



Figura 3 Aproximações e acolhimento.

Embora os protocolos sanitários orientassem quanto à necessidade de distanciamento entre os corpos, sua aproximação fez-se necessária para estabelecer o acolhimento, proporcionar um acalento, ou mesmo convidar às vivências, algo essencial e indispensável no convívio com as crianças.

Essa necessidade de estarem juntas se evidenciou em muitos momentos. O Gatinho, por exemplo, embora se mostrasse o tempo todo afetuoso, expressou em certo dia irritabilidade, não se interessando em participar das propostas brincantes nem em interagir com seus pares. A professora, ao se aproximar dele, abaixando-se para conversar, logo

foi por ele abraçada. Gatinho aconchegou-se nos braços da docente com seu bichinho de pelúcia (objeto de apego), permanecendo ali um bom tempo. Logo o Homem de Ferro se aproximou com sua motoca, demonstrando o mesmo desejo de atenção e carinho.



**Figura 4** Aconchego na creche em tempos de pandemia.

Essa escuta sensível da docente implica, como assevera Silva (2017), um silêncio por parte da educadora e do educador para escutar as vozes infantis. Silêncio não como um ato de abandono, mas como um profundo respeito às crianças em suas singularidades e em seu direito de dizer a sua palavra.

Estabelecer uma relação de diálogo com as meninas e os meninos foi mais um desafio enfrentado no espaço da creche neste retorno presencial, devido ao uso das máscaras faciais, visto que “as máscaras podem suavizar a voz de quem fala, ocultar o tom vocal e ocultar expressões faciais que transmitem informações não verbais essenciais” (ALMEIDA; FONSECA; MARTINS, 2021, p. 43).

Diante dessa dificuldade, por vezes, como estratégia para a compreensão da fala da criança, a professora solicitava que esta repetisse o que havia dito, o que, além de se tornar cansativo para a criança, acabava fazendo com que, após repetidas duas ou três vezes, as palavras perdessem a espontaneidade e a força expressiva da primeira tentativa de comunicação. Outra estratégia, que do mesmo modo se tornou des-

gastante, consistiu em a professora repetir o que supostamente havia compreendido da fala da criança, como forma de confirmar se de fato estava entendendo o que era dito.



A Hulk era uma das crianças que tinha a voz mais suave e o timbre de voz mais baixo. Desde as primeiras aproximações, ela demonstrava-se pouco disposta a conversar, fosse com suas educadoras ou com as outras crianças da creche. Certo dia, no início do retorno, durante uma proposta de pintura com tinta guache na parede de azulejo, a professora se aproximou para saber sobre sua produção. Como a menina usava a máscara, a compreensão da sua fala ficou comprometida, porém, naquele instante, outra linguagem se destacou: o seu olhar. Seus olhos entreabertos expressavam timidamente um sorriso. Em movimentos sutis, seu olhar declarava certa alegria, suave e delicada. A Hulk dialogava com sua professora.

Um diálogo que passa por outras sensibilidades, que afirma a necessidade de nós, educadoras e educadores, nos alfabetizarmos nas múltiplas linguagens infantis (FARIA, 2005). Diálogo que, como nos ensina Freire (2013), dá sentido à existência humana e que, na relação pedagógica, possibilita que docentes e crianças se eduquem mutuamente.




Figura 5 Comunicação por meio do olhar (Hulk).






Com o passar do tempo, as relações se expandiam na creche, o acolhimento amoroso acontecia no dia a dia entre adultos(as) e crianças, mas principalmente entre as próprias crianças; os protocolos sanitários não conseguiram distanciá-las, pois sempre encontravam formas para se aproximar, para estar em comunhão. Isso porque meninas e meninos necessitam e desejam se relacionar e interagir. Para Rinaldi (2016, p. 108), essa necessidade “emerge ao nascer e é um elemento essencial para a sobrevivência e identificação com a espécie. Isso provavelmente explica também por que são muito abertas a intercâmbios e reciprocidade, como atos de amor”.



Essas relações entre as crianças foram deflagrando algumas amizades, como a da Princesa Ratinha e do Gatinho, construída silenciosamente e expressa em pequenos momentos, mas de imensa preciosidade em seus gestos. A primeira vez que se fez observar tal amizade foi no parque. Enquanto as outras crianças brincavam, Gatinho mostrava-se irritado; a professora conversava com ele, na tentativa de acalmá-lo, quando a Princesa Ratinha se aproximou e com extrema delicadeza, em silêncio, o abraçou. Gatinho não se afastou,

aceitou o gesto de carinho da amiga, que, ao se afastar do abraço, colocou as mãos no peito dele e disse, carinhosamente, que ele era “fofo”, depois saiu a brincar pelo parque.

Princesa Ratinha, uma menina muito falante. Gatinho, um menino silencioso. A relação entre os dois se estabeleceu no silêncio, no respeito e na cumplicidade. A menina acolhia o silêncio de seu amigo, enquanto ele se aconchegava na calma que sua amiga lhe proporcionava. A relação de amizade entre os dois reafirma em nós o quanto as crianças estão disponíveis à abertura ao outro, a estar “com”. Nesse sentido, vale ressaltar que:



As crianças são os ouvintes mais extraordinários de todos, elas codificam e decodificam, interpretando os dados com incrível criatividade: as crianças “ouvem” a vida em todas as suas facetas, ouvem os outros com boa vontade, percebendo rapidamente como o ato de escuta é essencial para a comunicação. As crianças são biologicamente predispostas a se comunicar e a estabelecer relações. (RINALDI, 2020, p. 212, grifos da autora)



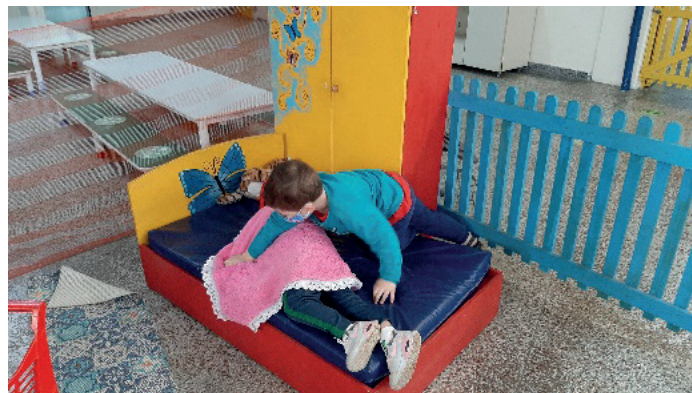
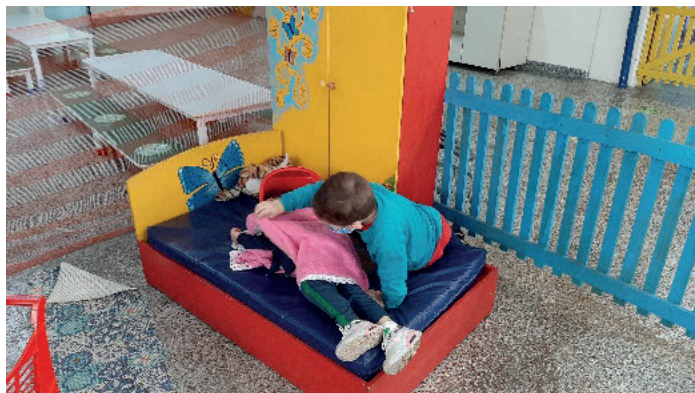
Figura 6 Princesa Ratinha e Gatinho – abraço.



Princesa Ratinha e Gatinho compartilhavam diferentes momentos, como os cuidados que ele demonstrou com sua amiga ao perceber que ela estava deitada na cama e coberta, em uma situação de brincadeira simbólica. Gatinho delicadamente se

aproximou, ajustou a coberta por cima da menina de forma carinhosa, acomodou o seu bichinho de pelúcia na parte superior da cama e, por fim, deitou-se ao seu lado.

Figura 7 Princesa Ratinha e Gatinho - cuidados.





Esse cuidado evidencia como “As crianças, a partir de suas capacidades reflexivas, demonstram e definem seus afetos, refletindo sobre os mesmos e sobre a forma como se constituem nas suas relações de pares” (FERNANDES, 2021, p. 96). Em con-



**Figura 8** Princesa Ratinha e Gatinho – festa a fantasia.

sonância, Corsaro (2011, p. 165) pontua que “As amizades são construídas coletivamente pela participação ativa das crianças em seus mundos sociais e nas culturas de pares”.

O Hulk também revelou uma escuta sensível para com seus pares, por meio de sua empatia e sua cumplicidade, em atos destacados pela sua sensibilidade com as outras crianças. Como no dia da festa a fantasia, em que a Hulk observava as outras crian-

ças dançando e ele, aproximando-se sem dizer uma palavra, a convidou para dançar. Pegou em suas mãos e, com delicados movimentos, logo estavam dançando. A alegria resplandeceu no olhar tímido da Hulk.



**Figura 9** O Hulk e a Hulk dançando durante a festa à fantasia.

O Hulk em vários momentos demonstrou seu interesse em fazer as outras crianças se sentirem bem. Sentimento que, do mesmo modo, também lhe fazia se sentir feliz. Um exemplo foi quando partilhou os brinquedos com a Princesa Ratinha em uma vivência no pátio e, ao perceber como a amiga ficara feliz em receber de suas mãos o brinquedo que desejava (carrinho de mercado), disse à professora, empolgado: “Eu emprestei o carrinho para ela”. Sua gentileza logo foi retribuída por sua amiga Alícia, que, ao ver o amigo sem brinquedo, partilhou parte do que tinha, uma boneca, ficando com um carrinho de mercado.

**Figura 10** “Gentileza gera gentileza” - Hulk, Princesa Ratinha e Alícia.





**Figura 11** Alimentando a amizade - o Hulk e a Hulk.

Em outra situação, o Hulk incentivou sua amiga Hulk a se alimentar, em um gesto de atenção e ternura ao próximo.

Com relação ao processo de amizade, Corsaro (2011, p. 193) elucida que:

Análises comparativas mostram a importância de compreendermos a amizade enquanto processo coletivo e cultural. Sob esse ponto de vista, a cultura não é simplesmente uma força ou variável que afeta como as crianças chegam a ser ou ter amigos - ao contrário, os processos de amizade são vistos como profundamente enraizados nas reproduções interpretativas e coletivas de suas culturas.

Desse modo, as amizades vão sendo construídas coletivamente na cotidianidade das relações entre as crianças, que participam ativa e criativamente de atividades compartilhadas em espaços e tempos específicos, como o da creche.

Espaços e tempos que, em contexto pandêmico, foram marcados por sentimentos de saudades, bem como de acolhida das crianças a tais sentimentos, como nos mostrou a Ratinho, que estava sempre a acolher as angústias das(os) colegas. Ela, ao



observar alguma criança chorar, tentava consolar e falava à(ao) amiga(o) que tudo ficaria bem. Assim fez com a Sereia, que certa vez chorou porque estava sentindo saudades da mãe. A Ratinho acariciou os cabelos da Sereia na tentativa de confortá-la e, carinhosamente, afirmou: “Logo a mamãe vai chegar”.

Gestos de amizade, carinho, cuidado, escuta e tantos outros nos revelaram não apenas o que as crianças pensavam e sentiam nesse contexto de um tempo ferido pelo coronavírus, mas, sobretudo, o quanto elas são solidárias e atentas umas às outras, acolhendo as alegrias, mas também os sentimentos de tristeza que, por vezes,

eram manifestados no grupo.

Um desses momentos ocorreu em uma roda de conversa, após a leitura do livro *O cheiro da saudade*, de Luís Pimentel (2019). A história afetou a Princesa Ratinha, que se emocionou e emocionou a todos e todas presentes,



**Figura 12** Leitura do livro *O cheiro da saudade* e roda de conversa.

crianças e adultas, ao expressar com palavras simples, porém profundas, acompanhadas de lágrimas, a saudade que sentia de seu “vovô”.

Em outro momento de diálogo, após a história do livro *O monstro das cores vai à escola*, de Anna Llenas (2021), a Bruxa e a Mulher Maravilha pronunciaram significativas considerações a respeito do retorno presencial à creche, estritamente sobre a permanência nessa instituição em período integral. Ao relatar o período que havia permanecido em casa, a Bruxa fez um coração com as mãos, sinalizando com o gesto algo que lhe agradou; pouco tempo depois, no decorrer da conversa, manifestou-se novamente dizendo: “Não gosto de ficar o dia inteiro na creche”. Em outra roda de conversa, a menina declarou ter sentido tristeza enquanto estava em casa, longe da creche, durante o período de isolamento social. A Mulher Maravilha, do mesmo modo, declarou gostar de ficar em casa assim como na creche.

As falas e expressões das meninas indicam, possivelmente, uma reivindicação do direito de escolha, demonstrando uma com-



preensão consciente em relação a tempo, espaço e sentimentos. Nessa perspectiva, Fernandes (2021, p. 95) compreende que:

A emoção, assim, faz parte dos comportamentos racionais de crianças e adultos, permitindo-lhes diferentes percepções de situações, contextos e relações, que orienta seus comportamentos sociais (TREVISAN, 2006), o que possibilita a elas serem mais conscientes de seus sentimentos e emoções.

Em tempos de pandemia, mais do que nunca foi preciso acolher. Acolher angústias, inseguranças, medos... Acolher o(a) outro(a) em suas falas, em seus gestos, em suas mais diversas manifestações... Acolher com amor, carinho e, principalmente, com respeito, o que implica disponibilidade permanente ao outro (FREIRE, 2017), em uma atitude de escuta que se entrega verdadeiramente à abertura às diferenças.








Figura 13 Máscara ou cesto para brinquedos? (Gatinho).

## “E TODOS OS CORONAVÍRUS VAI ENTRAR EM TODOS OS AMIGOS”: BRINCANDO COM PROTOCOLOS SANITÁRIOS

Ao retornarem à creche, as crianças foram inseridas em um contexto de protocolos sanitários que permeava todos os espaços e vivências. Fosse o momento que fosse, lá estavam os protocolos sanitários presentes, cerceando suas brincadeiras, suas interações e outras atividades do cotidiano.

O brincar, para além do direito reconhecido legalmente à criança, constitui-se como necessidade para ela. É o que de mais sério elas fazem. Segundo Sarmiento (2003), ao brincar, meninas e meninos não fazem distinção entre o ócio e o ofício, entre lazer e trabalho, é como algo único.



É por meio do brincar que se apropriam do mundo e o ressignificam, dando-lhe novas configurações. E foi justamente assim que as crianças se apropriaram da nova rotina da creche, cerceada pelos protocolos sanitários; compreenderam que estes faziam parte da mudança que fora causada pelo coronavírus e, dessa forma, para além de se (re)estabelecerem no novo modo de convívio, os ressignificaram, interpretando e anunciando suas leituras de mundo.

O Gatinho, ao ter incorporado em sua rotina o uso da máscara facial, ressignificou seu uso demonstrando compreender que esse artefato teria mais sentido sendo uma cesta de brinquedos (Figura 13), pois atendia à sua necessidade de levar seus objetos preferidos a todos os espaços que percorria pela creche.

Diante de um contexto brincante, com artefatos que marcaram o cotidiano pandêmico (máscaras faciais e frascos borrifadores com

álcool em gel, como os usados na creche), a Princesa Ratinha iniciou a brincadeira tentando colocar a máscara no rosto da boneca; constatando que ficara grande, a menina vestiu a boneca com a máscara; porém, realizando outra possibilidade para o uso do artefato, passou as alças da máscara pelos seus braços, transformando-a em uma bolsa “canguru” de carregar bebês, ou melhor, bonecas. Sereia e outras crianças, vendo a nova utilidade para a máscara, apropriaram-se da brincadeira da colega e logo estavam brincando de carregar suas e seus bebês em um “canguru” de máscara.

Como se verifica, meninos e meninas, de forma sistemática, estão a desenvolver sua imaginação a partir de suas experiências cotidianas, do que observam, escutam, experimentam e interpretam de seus contextos, “ao mesmo tempo que as situações que imaginam lhes permitem compreender o que observam, interpretando novas situações e experiências de modo fantasista, até incorporarem experiência vivida e interpretada” (SARMENTO, 2003, p. 14).



**Figura 13** Máscara ou canguru de bonecas? (Sereia e Princesa Ratinha).

A Bruxa, do mesmo modo, reinterpreto o uso da máscara facial, seja como “escudo de braço” (Figura 15), seja como uma venda (Figura 16), que lhe ajudou nos desafios enfrentados nas interações com seus

pares. A menina, ao iniciar na turma, sentiu-se desconfortável, pois teve dificuldades para ser aceita pelo grupo, visto seu interesse em liderar as brincadeiras em um grupo que já tinha líderes consolidados.





Figura 15 Escudo de braço (Bruxa).

Assim, utilizou a máscara como venda nos olhos. Ao ser inquirida pela professora sobre o motivo do uso da máscara sobre os olhos, a menina respondeu prontamente: “Porque ninguém quer ser meu amigo”.



Figura 16 “Porque ninguém quer seu meu amigo” (Bruxa).

Mesmo em tempos de pandemia, as crianças tiveram de enfrentar obstáculos e contratemplos em suas interações, munindo-se de novas estratégias, como a Bruxa, que usou materiais que marcaram o contexto pandêmico a seu favor, para passar por adversidades que ocorrem em seu processo de inserção a novos grupos. Sobre tal processo, Corsaro (2011, p. 161) assevera que:

obter acesso a grupos de brincadeiras, manter a interação e fazer amigos ainda são árduas tarefas para crianças em idade pré-escolar. Obter acesso aos grupos de brincadeiras é particularmente difícil nos ambientes pré-escolares, porque as crianças tendem a proteger o espaço compartilhado, objetos e jogos em curso contra o ingresso de outras.

Além das máscaras faciais, os tapetes emborrachados, utilizados na creche para sentar-se e também para orientar o distanciamento entre as crianças, igualmente receberam novas significações. Meninos e meninas reorganizavam os tapetes para suas brincadeiras, atribuindo-lhes novos sentidos, a exemplo da pista para correr (Figura 17), na qual podiam pisar somente onde houvesse tapete.



Figura 17 Pista de corrida (Bruxa, Homem de Ferro e Princesa Ratinha).

A Princesa Ratinha elaborou uma nova finalidade para o tapete, juntamente com a máscara facial. Certo dia, ao retornar do parque para a sala referencial, deitou-se em um tapete, cobriu-se com outro e inibiu a claridade do dia em seus olhos com a máscara, usando-a como venda para encobri-los. Em seguida, todas as crianças da turma se agitaram e começaram a se abanar com os tapetes, em uma alegria contagiante entre elas.



As crianças evidenciavam a todo tempo o quanto o novo contexto invadiu o imaginário infantil. Em uma proposta de leitura, uma aventura do coronavírus<sup>1</sup>, realizada no primeiro dia de retorno após o recesso, as crianças começaram a manifestar seus saberes em relação ao tema. O Thor, de imediato, expressou: “O coronavírus entope o meu, o meu nariz”. E complementou: “E todos os coronavírus vai entrar em todos os amigos”.

Ao finalizar a leitura, a professora perguntou: “Por que a gente não pode se abraçar?”. Sem demora, a Mulher Maravilha respondeu: “Por causa do coronavírus”. Demonstrando compreender o contexto da pandemia, a menina explicou as consequências que o vírus trouxe para as demonstrações de afeto, por meio do contato físico, como o abraço: “[...] o coronavírus vai um pro outro”.

A Princesa Ratinha inclui na conversa a máscara facial, ao expressar sua opinião com relação ao coronavírus, conferindo ao vírus uma fórmula de bondade:

2 A história intitulada “Corona, uma aventura perigosa” foi impressa de um vídeo do canal *Bisnaga Kids*, no YouTube. Por meio de desenhos, narra a história do vírus que viaja se espalhando pelo mundo, causando mal às pessoas. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=\\_9C30kLK8E4](http://www.youtube.com/watch?v=_9C30kLK8E4). Acesso em: 20 fev. 2022.



**Figura 18** Descanso (Princesa Ratinha).

Princesa Ratinha: [...] máscara nele, ele fica bonzinho, olha só!

Professora-pesquisadora: Ele fica bonzinho?

Princesa Ratinha: É! Quando eu fico de máscara, ó!

Professora: Ah! Quando eu estou de máscara, ele fica bonzinho?

Princesa Ratinha: Ahã, ahã, ahã.

As falas e expressões das crianças demonstram o quanto elas “são afetadas pelas sociedades e culturas que integram” (CORSARO, 2011, p. 32), revelando o quanto as mudanças históricas e sociais podem refletir em suas vidas, no caso deste estudo, o cenário pandêmico.

Naquele mesmo dia, a Alícia, em decorrência da leitura, teceu suas considerações com relação ao vírus. Durante uma proposta de desenho livre, a menina se aproximou da professora e relatou o que havia desenhado: “Eu desenhei o coronavírus na cadeia”. No diálogo com a docente, a Alícia explicou o porquê da solução encontrada para o vírus que ameaça a vida das pessoas.

Alícia: Pra não matar a gente.

[...]

Professora: Mas o que o coronavírus faz quando ele não tá preso?

Alícia: Ele é malvado.

Professora: Ele é malvado?! E agora, se ele tá preso, o que acontece?

Alícia: Ele fica bem bravo.

Professora: Ele fica bravo?! Mas aí ele vai ser malvado, se ele tá preso?

Alícia: Não!



Figura 19 Coronavírus na cadeia (Alícia).

Por meio de seu desenho, a Alícia retratou sua percepção, demonstrando como foi afetada pelo momento histórico vivido na sociedade em tempos de pandemia. Seu desenho constitui-se como fonte documental de um tempo marcado pelo medo, o medo do vírus, o “vilão” cruel que precisa ser “preso”. Sobre essa compreensão do desenho infantil como documento histórico, Gobbi (2012) enfatiza a oportunidade que ele nos concede de conhecer mais detalhadamente as infâncias e como as crianças, em suas relações sociais, constroem sua percepção do mundo.

Outra situação que explicou a representação do vírus no imaginário das crianças ocorreu durante a releitura do conto *João e o pé de feijão*, em

que a Princesa Ratinha afirmou que o feijão havia sido desobediente, pois tirara a máscara na escola e por esse motivo a professora brigou com ele. Outras crianças participaram dessa discussão acerca do tema, contribuindo com a nova versão que a colega havia iniciado. Assim, a Alícia alertou que “quando o feijão tira a máscara, é o corona”. O Thor, nesse cenário de fantasias e coronavírus, contou que:

João é obediente<sup>2</sup> [...] ele tira a máscara [...] e aí a prô briga lá na escola [...]. Quando foi para casa, a mãe falou: “Ah, não, João! Você tirou a máscara”. Daí o João falou que sim, que tava bem calor, e aí aconteceu, aconteceu, o coronavírus entrou no nariz e na boca [...]. Foi o gigante que foi [...] ele foi lá na escola [...]. Ele é desobediente [...]. Então, ele é assim, não pode tirar a máscara.

As manifestações das crianças denotam como elas extraem informações do mundo adulto, atribuindo-lhes, coletiva e criativamente, novos sentidos e produzindo, assim, seus próprios mundos e culturas de pares (CORSARO, 2011). Seus saberes a todo tempo são proferidos e, em tempos de pandemia, não se fez diferente. Meninas e meninos, enquanto sujeitos sociais e históricos, não só reproduziam, mas também produziam culturas, marcando seus territórios, tempos e relações.

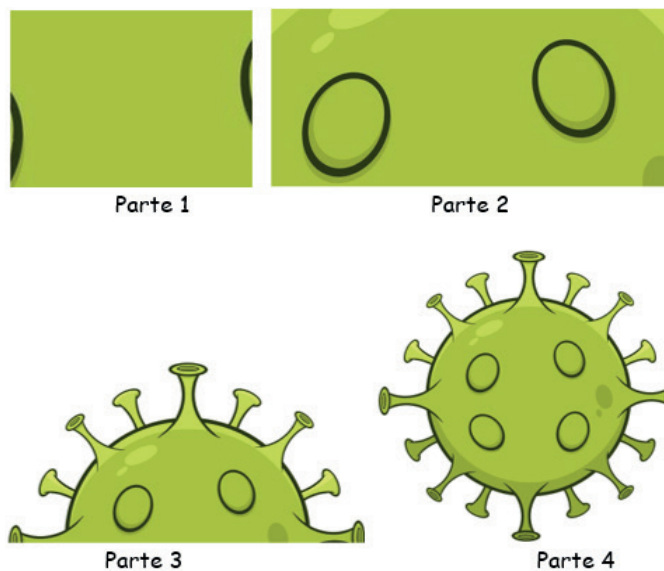
Durante uma proposta de roda de conversa, em que algumas imagens foram apresentadas às crianças com a intenção de conhecer e compreender suas impressões e seus saberes sobre o contexto da pandemia. Suas “leituras de mundo” (FREIRE, 2017) revelaram seus pensamentos,

-----  
2 Nesta fala, a criança diz “obediente”, embora talvez tivesse a intenção de dizer “desobediente”, de acordo com o contexto de seus argumentos.

suas curiosidades, seus interesses, suas críticas, produzindo conhecimento acerca desse cenário pandêmico. Suas falas foram instigadas a partir de uma imagem que foi mostrada a elas em fragmentos, começando pela primeira parte e seguindo até a quarta parte, em que ia se revelando um desenho de um vírus verde<sup>3</sup>, conforme a Figura 20.

As hipóteses começaram pela Princesa Ratinha, que acreditava tratar-se de um monstro verde. Em seguida a Bruxa lançou a possibilidade de ser um vírus. A Princesa Ratinha com-

-----  
<sup>3</sup> A imagem utilizada, devidamente licenciada, foi adquirida por meio do site iStock e elaborada pela empresa Hit Toon. O contrato de licença de uso da imagem encontra-se no link: [www.istockphoto.com/br/legal/licensing-agreement](http://www.istockphoto.com/br/legal/licensing-agreement). Acesso em: 20 fev. 2022.



**Figura 20** Imagens apresentadas às crianças na atividade “O que será?”.



plementou dizendo: “É o verde.” Nesse instante, as crianças dispararam a dialogar sobre a qual vírus estavam se referindo.

Bruxa: Aquele que é [incompreensível a fala da criança].

Professora: Aquele que é bem pequeno?

Princesa Ratinha: Ele entra na boca e no nariz.

Bruxa: E na garganta.

Professora: E qual o nome dele?

[Várias crianças falam ao mesmo tempo]

Alícia: Deixa eu falar?!

Professora: Fala, Alícia.

Alícia: Quando ele vir, tem que passar álcool higiênico nas mãos. Quando o vírus vim, senão, eles vão deixar os bichinhos que é os filhos dos vírus, aí eles ficam bem grandinhos, crescendo, aí eles ficam assim.

Bruxa: Aí a gente vai conseguir ver, pra gente ver como eles são malvados e verde.

Professora: Eles são malvados e verde, Bruxa?!

Princesa Ratinha: Aí a gente põe máscara para ele não entrar na boca.

Bruxa: Prô, e até nos ouvidos e no olho.

Segundo Rinaldi (2020, p. 206-207), “as crianças são os mais ávidos investigadores do significado e da significância, e produzem teorias interpretativas”, como se observa nesse diálogo em que meninos e meninas foram elaborando “teorias” acerca do vírus, com base em suas experiências e nas informações presentes nos diferentes contextos em que convivem.

Em outro momento, em um contexto brincante com cenário hospitalar, planejado com o intuito de observar as representações infantis acerca da doença covid-19 (foco da pesquisa) – tendo como principais materiais: caixas de remédios lacradas, aventais de hospital, brinquedos de artigos médicos (seringa, termômetro, caixinhas de remédios, curativos, maleta de médico e estetoscópio), bonecas, curativos adesivos, potes de álcool em gel lacrados e máscaras faciais –, meninas e meninos foram significando e ressignificando esses recursos, criando e recriando.

No decorrer da vivência, muitas brincadeiras foram sendo instituídas pelas crianças, com falas interessantes acerca do coronavírus. O Thor argumentou, com relação à injeção, que não podia tomá-la devido a sua profissão, médico:

Alícia: Eu vou te dar o corona, eu vou te dar uma injeção.

Thor: Eu sou médico.

Professora: Ai, doutor, você é médico e não pode tomar injeção?

Thor: Não.

Outros aspectos dos protocolos sanitários que estiveram presentes ao tempo todo durante essas brincadeiras foram a máscara facial e o álcool em gel. A Alícia, interagindo com a professora (que nesse momento era uma paciente), afirmou que precisava que esta usasse máscara, como se fosse um remédio contra a doença causada pelo vírus. A docente, mesmo estando de máscara, recebeu da “médica” outra máscara, que foi colocada em seu rosto, agora de “paciente”, assim como outras crianças que também no papel de pacientes haviam recebido o mesmo tratamento médico. A máscara fazia parte do tratamento contra a doença e, somada ao álcool em gel, era a cura para a covid-19, conforme as falas das crianças.

Professora: Quando a gente tá doente, a gente passa álcool?

Alícia: Sim.

Professora: Humm... Pra... por que?

Alícia: Porque o álcool é o corona. Se ele vir, você vai ter que levar ele pra casa, toma.

Professora: Eu vou levar ele pra casa. O álcool é corona?

Alícia: Não, não, ele vai tirar todo o corona.

Professora: Aí o álcool tira todo o corona?

Alícia: É.

Professora: Ah, então eu vou levar isso pra casa, doutora. Obrigada, viu?!



**Figura 21** Médica colocando máscara na paciente (Alícia, Homem de Ferro e professora).

Os remédios e a vacina também entraram na brincadeira:

Professora: Agora me diz uma coisa, eu não quero mais pegar

o corona, o que eu preciso fazer?

Thor: Você precisa... Fazer uma coisa, que vai ser, que vai ser muito legal!

Professora: Ó, e o que eu preciso fazer, então, pra eu não pegar mais coronavírus, doutores?

Thor: Você tem que pegar o remédio pra levar pra sua casa.

[Muitas crianças falando ao mesmo tempo].

Thor: Ah, e agora você vai tomar vacina!

Contudo, para as crianças, ora a vacina pode curar, ora pode ser uma ameaça, pois quando foi preciso encerrar a vivência devido à organização da rotina da creche, enquanto guardavam os brinquedos, algumas crianças continuavam a brincar, correndo pela sala com a seringa na mão e falando sobre a “CoronaVac”, ameaçando umas às outras dizendo que era vacina. Nesse aspecto, é importante considerar que para as crianças talvez a sonoridade das palavras “coronavírus” e “CoronaVac” tenha causado equívoco na compreensão com relação às suas referências, ou ainda as expressões podem se referir a

falas negativas sobre a vacina que tenham escutado no convívio com o mundo adulto.

As crianças apropriam-se do universo adulto o resignificando em suas brincadeiras e interações, envolvem-se “nos processos de socialização lendo o mundo a partir de suas experiências existenciais, e, no exercício da dialogicidade, produzem as culturas infantis que, se devidamente consideradas, podem levar a cultura estabelecida historicamente pelos adultos a ser repensada e ser reinventada” (SILVA, 2021, p. 370-371).

Nessa perspectiva, com ou sem pandemia, meninos e meninas leem e comunicam o mundo por meio de suas múltiplas linguagens, revelando saberes, fazeres, sentimentos, desejos, sonhos... Expressam suas leituras de mundo demarcando suas vozes, em um ato de empoderamento e enriquecimento de suas infâncias.

# CRECHE EM TEMPOS DE PANDEMIA: NOVOS TEMPOS, NOVAS APRENDIZAGENS?

Mergulhar com as crianças neste contexto inusitado que tem sido a pandemia nos provoca muitas indagações, que perpassam não apenas as suas vivências e como as ressignificam, mas também como nós, educadoras e educadores, ressignificamos nossos saberes e fazeres na educação. Afinal, o que aprendemos nestes tempos de pandemia enquanto docentes na creche? O que aprendemos nestes tempos de pandemia com as crianças pequenas?

Esses questionamentos solicitam de nós suspender a correria cotidiana a fim de encontrarmos fôlego entre as nuances de um tempo intenso, marcado pela sua complexidade, um tempo de inúmeras experiências emocionais para a sociedade e para cada ser humano. Tempo *Kairós*, o tempo oportuno, que


possibilita que algo se torne memorável e que não pode ser controlado.

Poderíamos reconhecer aqui uma aprendizagem fundamental nestes tempos de pandemia: a necessidade de pensarmos outras temporalidades na educação com as crianças pequenas. Repensar a força de *Kronos*, o tempo do relógio, que habita e controla nossas ações com as crianças, e nos dispormos a *Kairós* e também a *Aión*, o tempo da experiência, da vida intensamente vivida. O retorno presencial à creche solicitou todas essas temporalidades, reafirmando o tempo da criança como o tempo presente, o tempo da experiência.

Para compreender o que de fato ressignificamos, o que aprendemos em novos tempos, em novas experiências, é preciso ter clareza de onde estávamos, o que conhecíamos, o que praticávamos. Assim, nossa reflexão acerca do que aprendemos nos remete às crianças, ao que elas nos ensinam e à oportunidade de ressignificar as certezas do mundo adulto diante da ótica sensível de meninos e meninas.

Muito aprendemos com e sobre as crianças, destacando a importância da “reflexão crítica” sobre a nossa própria prática pedagógica, afirmada amoro-





sa e humildemente na compreensão de que “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2017, p. 25).


Nesse sentido, ressaltamos que, para conhecer com quem se convive, é primordial escutar. Escutar com todos os sentidos, uma “escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro” (FREIRE, 2017, p. 117). De acordo com Silva (2017), é preciso silenciar-se para dispor-se às vozes das crianças. Escutar seus gestos, seus olhares, seus movimentos, suas expressões, suas falas, seu silêncio, entre tantas outras linguagens infantis.

Para escutar, por exemplo, o silêncio da Hulk foi preciso se deleitar em suas sutis revelações de alegria, algo que não estava nítido. O exercício de revisitar o momento, resgatar o contexto, alfabetizar-se nas diferentes linguagens infantis (FARIA, 2005), inquietar-se para compreender a voz daquela criança, se fez por um ato de respeito, um respeito a ela, à sua voz, ao seu direito de fala e escuta.

E o quanto escutamos as crianças, seja antes ou nos tempos de pandemia? Francesco Tonucci, na *live* “Pode um vírus mudar a escola?”<sup>4</sup>, assevera, no que se refere aos direitos das crianças, que estas não foram consultadas sobre o fechamento das escolas. Não se verificou com elas se tinham necessidades e direitos “irrenunciáveis”.


---

4 Conferência ocorrida em 20 de julho de 2021 como parte do Ciclo de Seminários: Educação e Infâncias em Contextos de Crise, promovido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (NEPEI), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por meio do seu canal no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=KFGJKPX1iU4>. Acesso em: 9 set. 2022.




Podemos aprender com as crianças a sermos bons ouvintes, haja vista como elas escutam umas às outras com respeito, carinho e atenção, como verificamos nas situações relatadas ao longo deste material. Por exemplo, quando a Alícia prendeu o coronavírus na cadeia, isso pode sugerir certa sensibilidade às angústias anunciadas na roda de conversa entre seus pares, o que a fez problematizar a circunstância elaborando uma possível solução para acalmar os sentimentos de insegurança do grupo: aprisionar o vilão, encerrando, assim, os aborrecimentos causados pelo vírus que atormenta a sociedade.

As fragilidades dos tempos de pandemia oportunizaram



repensar as práticas pedagógicas, cujo convite era o de estar no espaço externo da creche. Mas precisamos de um vírus para pensar em outros espaços de brincadeiras, interações e aprendizagens que não as salas referências? Valerio (2021), em sua pesquisa, nos encoraja a “desemparedar as infâncias”, algo que não deveria ser uma novidade, mas uma realidade, pois “Sair da sala de aula e conviver e interagir com a natureza oportuniza um mundo de descobertas e de possibilidades, significa olhar a vida que se transforma constantemente” (p. 73).

Brincar na e com a natureza, nos espaços externos, instiga as crianças às



descobertas, à investigação, à exploração, à construção de conhecimentos. Estimula a relacionar-se de maneira amistosa e afetuosa com a vida. A natureza é recíproca, graciosa, encantadora e brincante. Assim, (re)descobrir que há riqueza do lado de fora da sala referência é algo que precisa atravessar e permanecer para além dos tempos de pandemia no fazer pedagógico.

Aprender com as crianças é possível em qualquer tempo e espaço e faz-se urgente no campo da educação. Para escutá-las, é indispensável a empatia para com elas, posicionar-se como aprendiz delas, respeitá-las como sujeitos de direitos. Como exemplo, durante o percurso de investigação que deu origem a este *e-book*, observamos que as crianças, embora tivessem permitido os registros fotográficos e por vídeo para a pesquisa, nem sempre ficavam à vontade ao serem registradas; foi preciso refletir e encontrar uma forma de não as incomodar nem deixar que os registros, que fazem parte não só da investigação científica, mas também da documentação pedagógica, não se tornassem invasivos e transgressores do limite de direito sobre a própria imagem. No decorrer da pesquisa, compreendeu-se que nem sempre o(a) educador(a) é convidado(a) para participar da brincadeira e de outras interações, o que denota ser preciso estar sempre atento(a) para não afetar a natureza das brincadeiras entre as crianças (CORSARO, 2002).

Assim, nas entrelinhas de um tempo marcado pelas incertezas, educadoras e educadores podem encontrar nos caminhos tortuosos da pandemia acesso para um fazer pedagógico reflexivo, pautado no olhar e na escuta sensíveis à criança. Um despertar para o universo infantil, e nele a leveza da vida e a inteligência de um saber tranquilo e encantador.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cristina Vaz de; FONSECA, Rui Brito; MARTINS, Patrícia. **Olhos & Máscaras na pandemia:** a importância da comunicação com os olhos e corpo pelos profissionais das áreas da saúde e educação. Lisboa: APPSP/ISCE, 2021. Disponível em: [https://www.iscedouro.pt/upload/olhos\\_de\\_agua.pdf](https://www.iscedouro.pt/upload/olhos_de_agua.pdf). Acesso em: 8 jan. 2022.

CORSARO, William Arnold. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. **Revista Educação, Sociedade e Culturas**, n. 17, p. 113-134, 2002. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/pagina17.htm>. Acesso em: 20 out. 2021.

CORSARO, William Arnold. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para a pedagogia da educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de.; PALHARES, Marina Silveira (Org.). **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 67-99.

FERNANDES, Noeli Aparecida. **Um estudo sobre as relações de gênero na educação infantil:** o que as famílias têm a ver com isso? 2021. 197f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2021. Disponível em: [https://repositorio.unifesp.br/xmlui/bitstream/handle/11600/62566/DISSERTACAONO\\_ELI%20PDFA.pdf?sequence=1](https://repositorio.unifesp.br/xmlui/bitstream/handle/11600/62566/DISSERTACAONO_ELI%20PDFA.pdf?sequence=1). Acesso em: 26 abr. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 55. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GOBBI, Marcia Aparecida. Desenhos e fotografias: marcas sociais de infâncias. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 43, p. 135-147, jan./mar. 2012.

LLENAS, Anna. **O Monstro das cores vai à escola**. Minas Gerais, 2021.



PIMENTEL, Luís. **O cheiro da saudade**. Rio de Janeiro: Lago de Histórias, 2019.

RINALDI, Carla. O currículo emergente e o construtivismo social. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem italiana de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 107-116. v. 1.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. 12. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003. Disponível em: [http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos\\_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf](http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf). Acesso em: 20 ago. 2022.

SILVA, Giselle Carolina. **As interações e o brincar no retorno presencial à creche em tempos de pandemia**. 2022. 230f. Dissertação (Mestrado Profissional

em Educação) – Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2022.

SILVA, Marta Regina Paulo da. Por uma educação infantil emancipatória: a vez e a voz das crianças e de suas professoras. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 58, p. 83-100, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/12370>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SILVA, Marta Regina Paulo da. Criança, infância e cidadania: diálogos de inspiração em Paulo Freire. **Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 28, n. 1, p. 359-379, jan./abr. 2021. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/10088>. Acesso em: 20 ago. 2022.

VALERIO, Viviane Graciele de Araujo. **As interações e o brincar na e com a natureza**: construindo uma infância desemparedada na creche. 2021. 212f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2021.



## **GISELLE CAROLINA DA SILVA**

Mestra em Educação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Graduada em Pedagogia. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental na Rede Municipal de Educação de Santo André (SP). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Infâncias, Diversidade e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Gepide-PPGE/USCS). Autora de artigos científicos em educação.



## **MARTA REGINA PAULO DA SILVA**

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestra em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Graduada em Pedagogia e Psicologia. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (PPGE-USCS). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Infâncias, Diversidade e Educação (Gepide) e do Grupo de Estudos e Pesquisa Paulo Freire. Autora de livros e artigos científicos em educação.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo, sem a autorização escrita de Giselle Carolina da Silva e Marta Regina Paulo da Silva. A Editora não se responsabiliza por eventuais danos causados pelo mau uso das informações contidas neste livro.

Diretora Criativa: Aline Gongora

Capa, projeto gráfico e diagramação: Teresa Dias

Revisão: Bárbara Waida

Imagem de capa: acervo pessoal da Giselle Carolina da Silva

Imagens internas: acervo pessoal da Giselle Carolina da Silva

**Ficha catalográfica elaborada por  
Liliane Castro - Bibliotecária CRB-8/6748**

S586n Silva, Giselle Carolina da  
Narrativas infantis em tempos de pandemia : as interações e o brincar no retorno presencial à creche / Giselle Carolina da Silva, Marta Regina Paulo da Silva. - 1. ed. - São Paulo: Amélie Editorial, 2022.  
46p. : 5863Kb ; ebook.  
ISBN 978-65-86652-49-9.  
1. Educação infantil. 2. Interação social. 3. Brincadeiras. I. Silva, Marta Regina Paulo da. II. Título.

CDD: 372.21

CDU: 373.24



**Narrativas infantis em tempos de pandemia: as interações e o brincar no retorno presencial à creche** é o livro n. 104 da Amélie Editorial.

**QUANDO CHEGA A HORA, PRECISA SALTAR SEM HESITAR.  
SEJA UM AUTOR INDEPENDENTE. PUBLIQUE COM A AMÉLIE!**

planejamento@amelieeditorial.com  www.amelieeditorial.com   amelieeditorial



Publicado pela Amélie  
na Primavera de 2022.